

Narrativas de um mundo em ruínas: conexões entre ciências, artes, filosofias e educação.

TIAGO AMARAL SALES
 MARIA CAROLINA ALVES
 KEYME GOMES LOURENÇO
 ROBERTA PAIXÃO LELIS DA SILVA
 NICOLE CRISTINA MACHADO BORGES
 LÚCIA DE FÁTIMA DINELLI ESTEVINHO
 DANIELA FRANCO CARVALHO

Tiago Amaral Sales é Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU). Mestre e Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Graduando em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) e pós-graduando em Pedagogia Universitária pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU); e do GPECS - Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2295345372533795>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>

Maria Carolina Alves é Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: maria.alves.carolina@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6233-0804>

Keyme Gomes Lourenço é Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com especialização em Artes e Educação. Mestranda em Educação e Graduada em Direito, também na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU). Bolsista CAPES. Curadora na Mostra Audiovisual de Cambuquira, fundadora e coordenadora da Mostra Audiovisual [Em]Curtas e também do Projeto Apropria Umuarama. E-mail: keymelourenco@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8680489981339822>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6516-6931>

Roberta Paixão Lelis da Silva é Licenciada em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU). Especialista em docência do Ensino Superior pela Faculdade Metropolitana do Vale do Aço (FAMEV). Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: robspaixao1994@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2537217139638162>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8167-1612>

Nicole Cristina Machado Borges é Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU). Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: nicolecristinam@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7028668193926337>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4165-5666>

Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho é Licenciada em Ciências Biológicas, Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Instituto de Biologia (INBIO) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU). E-mail: lestevinho@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8255914355924420>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1449-4844>

Daniela Franco Carvalho é Licenciada em Ciências Biológicas com Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Instituto de Biologia (INBIO) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU). E-mail: danielaf franco@ufu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8974289881139128>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4476-7903>

■ RESUMO

Em meio à pandemia de covid-19, olhamos para os lados e percebemos um mundo em ruínas, desmoronando incessantemente. A partir dos encontros proporcionados pela disciplina Conexões entre Ciências, Artes e Culturas do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, produzimos narrativas que foram entretecidas neste texto. Entre o caos e o esgotamento de possíveis, colocamo-nos em movimentos de criar nas conexões entre ciências, artes, filosofias e educação. Dando vazão aos afetos que pediam passagens em nossos corpos, dialogamos com autores e autoras como Ailton Krenak, Anna Tsing, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Donna Haraway, Susana Dias e Pereira e colaboradores para pensar no Antropoceno, buscar saídas e, quando não as encontramos, criamos fugas, aberturas para outros caminhos.

■ PALAVRAS-CHAVE

Pós-graduação, Paisagens, Antropoceno, Sonhos, Refúgio.

■ ABSTRACT

Amid the covid-19 pandemic, we look around and realize a world in ruins, crumbling incessantly. From the meetings provided by the discipline Links between Sciences, Arts and Cultures of Uberlândia Federal University Postgraduate Education Program, we produced narratives that have been interwoven in this text. Between chaos and exhaustion of possibilities, we get in motion to create links between sciences, arts, philosophies and education. To give vent to the affections which required passages from our bodies, by discussing with authors such as Ailton Krenak, Anna Tsing, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Donna Haraway, Susana Dias and Pereira and collaborators to think of the Anthropocene, searching for ways out and, when we don't find them, we create escapements and other paths.

■ KEY-WORDS

Postgraduate, Landscape, Anthropocene, Dreams, Refuge.

233 ■

1. Forjar caminhos nos escombros

*Quem disse que a gente não pode cair?
Quem disse que a gente já não caiu?
Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A
gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar.
Cair, cair, cair. (...) Vamos aproveitar toda a nossa capacidade
crítica e criativa para construir paraquedas coloridos.
Ailton Krenak (2019)*

Esta escrita acontece em 2021, no Brasil. A pandemia de covid-19 já perdura a mais de um ano e o número de mortes segue crescendo no país. Diariamente, milhares de vidas perdem o ar em decorrência da infecção por um vírus, agente biológico que tem sua circulação intensificada por contextos políticos. A sensação de abandono estatal se intensifica e a urgência de procurar saídas também. Em meio a estes processos, respirar, a cada dia que se passa, torna-se mais difícil. Olhar ao redor e ver um mundo desabando e, entre os escombros, seguir caminhando.

■ 234

A partir dos encontros proporcionados pela disciplina Conexões entre Ciências, Artes e Culturas, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, encontramos ninhos e criamos refúgios para pensar em um co-existir em afetos. Produzimos narrativas em meio ao caos e escombros de um país e mundo que já não se sabe mais até onde existe ou não. Uma mistura de espera pelo que vem e tentativa de forjar algo novo mesclam-se à angústia de um presente insustentável. Este texto consiste em uma reunião de nossas criações e relato de nossas experiências cotidianas transbordadas em uma disciplina da Pós-Graduação, e tem a intenção de criar um arquivo e deixar os testemunhos daquilo que se transformou em nós ao pensar nas ruínas do Antropoceno, criando paisagens-refúgios, ensaiando mundos por vir.

A proposta da disciplina perpassa por fomentar discussões acerca de diferentes conhecimentos em suas conexões possíveis entre as ciências, as artes e as culturas, evidenciando suas potências educativas em espaços e linguagens múltiplas. Dialogamos diferentes perspectivas evocadas a partir de provocações advindas das leituras de autores e autoras como Ailton Krenak, Anna Tsing, Donna Haraway, Susana Dias, Pereira e colaboradores, e também nos encontrando com produções cinematográficas, fotográficas, midiáticas e artísticas.

Ao nos encontrarmos com produções artísticas contemporâneas que se articulam em fronteiras, questionando e problematizando processos atravessados pelas ciências, pela produção do que se percebe como natural e das elaborações humanas, foi possível transbordar vivências singulares. Nos inspiramos na Filosofia da Diferença, apoiados em Gilles Deleuze e Félix Guattari, autores que não foram lidos especificamente na disciplina, mas que já nos acompanhavam anteriormente e que, em muitos momentos, dialogaram com as demais leituras e encontros proporcionados nas aulas. Esses tantos encontros, em leituras, observações e experimentações, povoaram esse texto, que objetiva, por sua vez, pensar em possíveis articulações entre teorias e práticas visuais e textuais atravessadas pelo

campo da educação, em conexões entre ciências, artes e filosofias.

A leitura do texto “Ficções no Antropoceno: sonhos (de)compostos em cartas do fim do mundo” de Pereira e colaboradores (2019) nos instigou a pensar o existir nestes tempos de ruínas, em sonhos que são cartas para um fim de mundo que se anuncia, ou para um mundo que está aos pedaços, desmoronando. “Catástrofes, caos temporal, crise ambiental. O consumo da vida. Vidas sonhadas e desejadas a partir do consumo. Vamos (sobre)vivendo (a) processos de decomposições acelerados que degustam e devoram tantas existências com um apetite voraz” (PEREIRA et al, 2019, p. 1). Em meio a esse caos, crise e catástrofes, buscamos caminhar pelo fim do mundo, em tentativas de criar trajetos que possibilitem uma vida (im)possível com o que nos atravessa.

Ao olhar atentamente para os lados à procura de brechas, vemos ruínas, paisagens em camadas de desintegração. Escombros. Vivemos (n)estas ruínas. “A vida nas ruínas está em toda parte à nossa volta”, afirma a antropóloga Anna Tsing (2019, p. 18). Esta autora pensa o Antropoceno como período marcado por mudanças intensas causadas pelos humanos. “O termo Antropoceno marca uma diferença: à medida que as infraestruturas industriais e imperiais se espalharam, os efeitos perigosos não projetados dispararam” (2019, p. 14). Pulverizados em perigos, nos vemos em meio ao caos pandêmico, mas como Tsing nos lembra, “o mundo do Antropoceno é cheio de coisas estranhas e surpreendentes que precisamos conhecer, e é hora de renovar nosso interesse coletivo no que está acontecendo” (2019, p. 18).

235 ■

O antropoceno marca descontinuidades graves, o que vem depois não será como o que veio antes. Penso que nosso trabalho é fazer com que o antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstruir refúgios (HARAWAY, 2016, p. 2).

Donna Haraway percebe o Antropoceno marcado por descontinuidades e incertezas, demandando de nós a capacidade de construir refúgios, pois, “neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios” (2016, p. 2). Segundo a autora, as relações civilizatórias deste mundo decomposto são os trajetos que se fazem possíveis para reconstruir refúgios e “fazer parte de um bem-estar maior (...) agindo como meios e não apenas como fins” (HARAWAY, 2016, p. 3).

Tsing (2019, p. 245-248) nos provoca a pensar que tais refúgios são construídos na união de trajetórias humanas e não humanas, e na “*assemblage*”¹ de paisagens que se constroem fundidas e desaglutinadas nas instabilidades das pragas do Antropoceno. Essa dinâmica, comenta Tsing, só é possível nos movimentos de uma paisagem. Paisagens instigam encontros, tanto concretos, quanto imaginários, dentro de nós e daqueles seres vitais no entorno, que compõem sobrevivências heterogêneas entrelaçadas na cooperatividade.

¹ Optamos por deixar o termo em inglês, já que Tsing (2019, p. 17) comenta que a tradução para o português reduziria o entendimento, uma vez que denominar de assembleia implica se referir apenas à uma reunião de humanos. Em inglês, esse termo possui um significado mais aberto e inclui, em tais reuniões, também os não humanos.

Como escreve Pereira e colaboradores (2019), sonhar (em) um mundo em ruínas nos leva a pensar no fim dos tempos, deste tempo, em ruínas antropocênicas, sem a certeza de o que ou quem deixou de existir ou que ainda existe nestas ecologias desesperançosas, em pensamentos e suas manifestações de realidades que são, ao mesmo tempo, de-compostas e re-compostas em existências, sonhos e ficções. Neste texto apresentamos a produção de narrativas-cenários despertadas de sonhos-moinhos, e aquilo que os despertam, que, como reflete Pereira e colaboradores, anunciam “possibilidades de um futuro desconhecido, a ser fabulado” (2019, p. 3), em conexões imaginárias em uma linha do tempo.

“Um pouco de possível, senão eu sufoco” (DELEUZE, 2013, p. 135). Provocados pela escrita de Deleuze, sentimos a necessidade de buscar possíveis para uma existência em meio a ruínas. Estes possíveis apresentam-se como fugas ao medo que paralisa e suga a potência de uma vida. Possíveis em desejos-de-vida, em resistências e re-existências, em movimentos de co-criação para co-existências. O pensar e criar mostraram-se como possibilidades de fuga, encontro com possíveis. Deleuze disserta acerca do pensamento, refletindo que “pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer” (2013, p. 136).

Nossos movimentos à procura de possíveis neste mundo em ruínas caminharam em direções de pensar-experimentar-criar outras possibilidades de existência, novos mundos, já que o que habitamos está por um fio. “A criação se faz em gargalos de estrangulamento” (DELEUZE, 2013, p. 171). Refletindo com as palavras de Deleuze, buscamos, nas faltas de ar, criar (im)possibilidades, cartografar um terreno hostil e também as potências que emergem dos movimentos de vidas-desejantes que acontecem nestes territórios. Criar, pois “um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível” (DELEUZE, 2013, p. 171).

Conectados e criando, mergulhados em leituras, pensamentos, experimentações e afetos que nos potencializaram, buscamos espaços no meio, território em que a vida possa ganhar velocidade. “É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade”, afirmam Deleuze e Guattari (2011, p. 49) ao pensarem no conceito de rizoma. Ganhamos força com a erva daninha. Conforme Henry Miller, citado por Deleuze e Guattari (2011, p. 40): “A única saída é a erva (...). A erva existe exclusivamente entre os grandes espaços não cultivados. Ela preenche os vazios. Ela cresce entre e no meio das outras coisas. A flor é bela, o repolho útil, a papoula enlouquece. Mas a erva é transbordamento, ela é uma lição de moral”. Feito erva daninha, rizomamos no meio, entre arte, ciência, filosofia e educação.

A proposta da disciplina cursada foi nos movimentar a produzirmos narrativas - visuais, escritas, auditivas, poéticas, experimentais - a partir de nossas derivas pelos tantos territórios que fossem possíveis de serem vividos, como a cidade, a casa, o quintal, as telas, as janelas, nossos corpos, em encontros humanos e não humanos. Para este processo criativo, existiu uma condução da disciplina que nos permitisse exercitar a produção de narrativas e nos movimentar em processos criativos. As criações surgiram a partir de encontros entre objetos-

vidas que fossem disparadores, propulsores e nos empurrassem para voar, em levezas, poéticas e forças, em derivas e também na produção de caminhos, de possíveis.

Nos nossos encontros-aula, um embrião foi em nós gestado: colocar-nos em movimentos de produzir narrativas que pensassem no mundo em ruínas que habitamos, em nossas vidas e nas tantas outras existências que coabitam conosco em territórios afetivos e educativos compartilhados, criando refúgios.

Assim, neste texto, compartilhamos narrativas de um mundo em ruínas na medida em que rizomamos o processo criativo com o viver nos escombros, dialogando com pensamentos múltiplos. Cada narrativa é produzida por um dos(as) autores(as) na medida em que percorre e cria um trajeto-existência, instaurando possíveis, sozinho ou coletivamente, sozinho e coletivamente, sempre em matilha.

2. Narrativas em ruínas

Por que teimamos em cultivar sonhos num mundo que se avoluma em ruínas? Num mundo que não cessa de acabar, o que é (im)possível criarmos, in-ventarmos, sonharmos?
Pereira, Martins, Pereira, Sampaio (2019)

237 ■

Inspirados pelos autores e autoras citados na seção anterior, apresentamos agora os sonhos de um amanhã possível. Seguem-se cinco narrativas que construímos em resposta às provocações da disciplina Conexões entre Ciências, Artes e Culturas, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Inicialmente, a organização das nossas criações aconteceu neste arquivo de forma aleatória, mas, pouco a pouco, foi tomando um corpo, criando uma narrativa-sonho em matilha, atuando na instauração de um mundo por vir, não através da pretensão de fundar uma unidade coesa entre o coletivo, mas, justamente, pelas suas multiplicidades, pela potência de suas diferenças.

Começamos com uma carta produzida no fim de um mundo, em meio a seus escombros, e direcionada para um outro mundo, um mundo por vir. Depois somos tomados por devires a partir do encontro com plantas, fungos, histórias de vida e morte, e memoriais. Chegamos à dança dos sacos, criando relações inusitadas entre humanos, plantas, aves e outras formas de vida. Seguimos com experimentações de um Antropoceno em ruínas, permeado de pragas, em multiplicidades de vidas. Por fim, fechamos com nossa última narrativa, em múltiplas camadas entre tomates, fungos, linhas, bordando memórias, em acontecimentos que se fazem em ziguezague.

As narrativas foram criadas a partir dos atravessamentos costurados em suas diferenças, em seus potenciais de instaurar outros mundos, de contaminar territórios. Ao serem frutos de uma proposta educativa que acontece por contaminações, em contágios-subjetivos, permanecem prenhas de embriões de mundos outros, em devires. Cada uma delas traz a marca de uma singularidade que deixa pontas abertas para a outra singularidade entrar. E, assim, emendamos sonhos, costuramos refúgios em co-existências, no entre.

2.1. Carta para um outro mundo²

*Tente entender o que tento dizer.
Caio F Abreu (2014)*

A primeira narrativa é uma carta para um outro mundo. O disparador para sua criação foi a minha inquietação com o contexto que se apresentava, para mim, como totalmente caótico em decorrência da pandemia de covid-19 e das tantas mudanças, medos e inconstâncias que vieram com o vírus. Eu percebia um mundo totalmente aos pedaços, se desmoronando, porém, também possível de sonhar e, quem sabe, esperar. A partir dessa percepção e imerso nas leituras da disciplina, fui impulsionado pelas *cartas para além dos muros* escritas por Caio Fernando Abreu (2014), anteriormente lidas por mim, e pelo texto “Ficções no Antropoceno: sonhos (de)compostos em cartas do fim do mundo”, produzido por Pereira e colaboradores (2019). Para sua escrita, dialoguei com as noções de paisagens em ruínas de Anna Tsing (2019) e inspirei-me nos sonhos e quedas sem fim que Ailton Krenak (2019) cita.

Escrevê-la foi uma tentativa de instaurar mudanças em meio às ruínas, mesmo que de forma molecular, na insustentável realidade pandêmica. Aqui, trago a carta dilacerada, aos pedaços, assim como me senti em muitos momentos. Os seus seis parágrafos - primeiro como Figura 1, segundo como Figura 2, terceiro e quarto como Figura 3, quinto, sexto e assinatura como Figura 4 - e uma imagem (Figura 5) foram entrelaçados com os afetos que atravessaram seu processo criativo em meio a uma cartografia viral. Escrevi como tentativa de elaborar o que vivi, digerindo o que atravessava meu corpo e pedia vazão. Então, como solicitou Caio F. Abreu em sua *primeira carta para além do muro*, “tente entender o que tento dizer” (2014, p. 124).

Ei, você! Sim, você mesmo! Você que encontrou esta carta e pode lê-la, estou falando com você. Saiba que, se você consegue me ler, você está vivo. Falo de um outro tempo, o tempo do fim de um mundo. Sim, o fim de um mundo inteiro. Sei que existem outros mundos, mas vivenciar o fim desse anda sendo muito difícil. Esse mundo é muito grande e seu fim é horrível de se ver. As construções gigantescas caem por toda parte e muitos soterrados estão desaparecendo. Concretos desarmados, amores despedaçados, vidas perdendo o ar. Enquanto isso, muros muito altos vão se construindo em volta das fortalezas que ainda não ruíram, na tentativa de torná-las mais fortes e impenetráveis.

Figura 1. Primeiro parágrafo da carta para um outro mundo. Escrita e arquivo de Tiago Amaral Sales.

A carta é endereçada a um habitante de um mundo que não é esse no qual vivi e escrevi. Sua escrita surgiu através da proposta da disciplina que era de nos movimentar para produzir narrativas que fugissem de uma rigidez e dureza, tão

² Narrativa produzida por Tiago Amaral Sales em abril de 2021.

Na medida em que tentava manter-me esperançoso e também esperar como verbo, me deparei com desabamentos sem fim. Será que no futuro será possível escutar os ecos da queda desse mundo que vivi? O sonho, presente na carta, aparece como possibilidade de vivência em meio às ausências. Com a pandemia e o caos do fim de um mundo, o medo de desaparecer nos escombros só aumentava. Como escapar, sobreviver, viver? Entre os sonhos turbulentos povoados por medos, saudades e desejos, busquei sonhar como movimento de construir mundos outros. O sonho atuou como forma de seguir caminhando, às vezes me perdendo, às vezes me encontrando.

Você que me lê, queria conhecer seu mundo. Se puder, escreva uma carta desse mundo em que você está para outro lugar... Talvez traga esperança para alguém que, como eu, vive o fim de um mundo. Ou para você mesmo... saber que um mundo pode desmoronar talvez lhe dê forças para viver no seu mundo ou construir outros mundos.

Por aqui, agora, lhe prometo que seguirei confiante. Continuarei cultivando esperança e algumas plantas para produzir oxigênio. Mais uma vez, repito: é tudo muito estranho e estamos por um triz. Mas um cantor que viveu aqui perto durante o desmoronamento de outro mundo cantava: "Estamos, meu bem, por um triz pro dia nascer feliz. O mundo inteiro acordar e a gente dormir, dormir... Pro dia nascer feliz..."

Um (sobre)vivente

■ 240

Figura 4. Quinto e sexto parágrafos, juntamente da assinatura da carta para um outro mundo. Escrita e arquivo de Tiago Amaral Sales.

O desejo de conhecer um outro mundo me moveu a buscar forças para atuar no fim deste mundo, e na construção de um outro por vir. Quem sabe as escritas de uma carta possam dar força para alguém de outro lugar. Novamente me inspirei em um vivente dos tempos pandêmicos da aids - que perduram até hoje - e dialoguei com a música "Pro dia nascer feliz", de Cazuza, ao fim da carta. Talvez uma esperança ativa residisse neste *triz* que o mundo estava de acabar. E, quem sabe, essa esperança possa ser também um fio a se romper para encontrar outras saídas que possibilitem encher os peitos com ar e potências de vida. Quem sabe...

Ao fim, assinei como *um (sobre)vivente*. Vivente naquele momento, sobrevivente do fim de um mundo. Junto da carta segue uma foto dos tempos de fim-de-mundo-pandêmico, sendo esta a Figura 5.



Figura 5. Retrato de um mundo em ruínas. Registros de Tiago Amaral Sales manipulados digitalmente. Arquivo de Tiago Amaral Sales.

A Figura 5 é um retrato do tempo em que a carta foi escrita: o fim de um mundo. Ela foi produzida a partir de registros de um cotidiano pandêmico manipulados digitalmente³ com a sobreposição de duas fotos da minha sala. A mesa está servida com livros, um guarda-chuva e uma planta. Vazia de pessoas, repleta de vidas-outras - máscaras, livros, plantas -, as únicas possíveis neste período. As máscaras povoavam a mesa, lembrando dos perigos existentes nos encontros corporais, na medida em que possibilitavam proteções. Naquele fim de um mundo, segui sempre nos rastros dos possíveis, buscando-os, farejando-os, forjando-os, em um processo ativo de criação de mundos outros, em desejos e forças vitais.

2.2. Imagem-memorial de uma samambaia⁴

E minha proposta sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.
Ailton Krenak (2019)

A segunda narrativa é uma narrativa visual também criada no vivenciar do isolamento social na pandemia de covid-19, pensada a partir do observar o cotidiano de mais um apartamento em mais um centro metropolitano. O uso do cenário urbano se modificou nesse tempo pandêmico, idas às feiras-livres substituídas por cestas de verduras, frutas e legumes entregues por encomenda, o cenário doméstico como único pano de fundo em fotografias - nossa documentação histórica particular.

No contágio pelos conceitos de paisagem e de feralidade⁵ de Anna Tsing (2019), fluí por entre cenários domiciliares no desejo de identificar possíveis não humanos não intencionais, espontâneos, que vieram e que viriam no decorrer da disciplina. Para Tsing (2019, p. 16-18) esses acontecimentos podem se apresentar através de ferramentas analíticas de paisagem, em uma linha do tempo onde se encontram os agentes do Antropoceno, e suas práticas, conforme suas relações com as plantas, animais, terra e águas no entorno, esses humanos e não humanos reunidos nos permitem notar o mundo.

No permear possíveis devires-ecologias de apartamento, atenta a esses contágios do Antropoceno, procuro pelo perceber/ser floresta⁶ de Susana Dias (2020a), em minha própria casa, e percebo que o espaço deixou de ser como era antes da chegada inédita de uma nova integrante: a “Manduca”. Esse foi o nome escolhido para a samambaia ornamental que, ao ser infestada por um fungo invasor, teve sua morte transbordada nessa narrativa-memorial (Figura 6), criada através do

³ O aplicativo Snapseed foi utilizado para a manipulação digital da imagem.

⁴ Narrativa criada por Maria Carolina Alves escrita em abril de 2021.

⁵ Entendemos feralidade com Tsing (2019, p. 16): “capacidade dos não humanos de responder às práticas humanas de maneiras diferentes daquelas pretendidas pelo design humano”.

⁶ Pensamos perceber/ser floresta, com Susana Dias (2020), como um movimento para além de um ecossistema natural, também é uma potência instigadora de sensação e afetos que nos indica a possibilidade de uma linguagem ficcional, um sonhar com as plantas (minuto 70 do vídeo <Quando a comunicação é tomada por um entusiasmo vegetal>, fala de Susana Dias (2020a) durante o I Ciclo de conversas entre Arte e Educação Carta-Imagem - Práticas educativas movimentadas pela arte, publicado pelo canal do Grupo de Pesquisa Carta-Imagem em 03 de outubro de 2020. Acesso em 24 de abril de 2021).

transitar cartográfico na galeria de registros fotográficos pessoais percebendo linhas da fuga pela sobreposição do cenário doméstico e a existência de “Manduca” nos meus registros, assim como ela esteve presente na janela virtual dos encontros-aula.

No começo do ano letivo me estabeleci próxima à “Manduca”, criando um território-refúgio educativo. Logo no primeiro dia de aula, a samambaia despertou a atenção da turma, porém, no decorrer do semestre, sua vida foi findando. Neste processo, em movimentos, me inspirei a procurar registros meus com “Manduca” como material para construção da narrativa para a disciplina.

Ao aterrissar na fratura da vida, que, dessa vez, não está presente nos noticiários, a força implacável da decomposição-devir morte invade o cotidiano próximo sem pedir licença, eu o deixei entrar junto com “Manduca”. O mesmo acontece com o fungo da banana que passou despercebido entre as irmãs sadias da mesma penca. Nas palavras de Tsing (2019, p. 16) “A vida feroz tira proveito da perturbação humana para fazer suas próprias coisas”. Alimentação e nutrição rizomática do natural sobressaindo sobreposta à própria vida de “Manduca”, sobreposta à minha.

■ 242



Figura 6. Narrativa-memorial de uma samambaia. Registros de Maria Carolina Alves manipulados digitalmente. Arquivo de Maria Carolina Alves.

Esse memorial reflete a trajetória motivadora da criação: a presença de uma samambaia e de uma banana no cotidiano doméstico que compomos. São vidas sobrepostas sobre paisagens em camadas com diferentes “canais de cores”⁷,

⁷ Programas de edição codificam as cores de uma imagem em três canais: “azul”, “verde” e “vermelho”, e um canal que permite edição e mescla entre canais de cor de diferentes “layers” de sobreposição. Foi manipulando propriedades de cor, camadas e transparência que a imagem-narrativa foi criada.

manipulados nessa produção de modo livre e intuitivo, se mostram em registros fotográficos: a banana mofada, o fim do mundo da samambaia e duas fases de sua vida flagrada no pano de fundo de auto-retratos humanos (Figura 7).



Figura 7. Registros de Maria Carolina Alves usados para elaboração da Narrativa-memorial de uma samambaia. Arquivos de Maria Carolina Alves em colagem.

243 ■

Essas quatro imagens, manipuladas digitalmente, recortadas, giradas, descoloridas, em transparências, sobrepostas em camadas, criaram refúgios para a história da samambaia que, apesar de ter morrido, teve seu mundo eternizado através da experimentação artística de uma bióloga com algumas funções em um *software*⁸ de edição, território de criação que transbordou sonhos de um mundo, o mundo da “Manduca” agora eterno, apesar de não alterar mais a paisagem doméstica delimitada por paredes de concreto antes mais alegres com o verde de sua presença.

Apresento, assim, narrativa de vida, morte e provocação. Paisagens de morte e de vida. Samambaia, banana e fungos em composições. O fungo penetra as células-samambaia-banana. Devir-samambaia do fungo, devir-fungo da samambaia. O fungo mata a samambaia para viver, criando outras vidas na banana, tornando-a não apetitosamente desejável. Outras vidas que se instauram nos rizomas samambaia-fungo e banana-fungo. Talvez, com a morte-samambaia, o fungo espalhe seus esporos para outras paisagens. Vida-morte, parasitismo que suga a seiva de vida pelas hifas. A morte potencializando o pensar na vida, na finitude entre nascimento e morte. Ausência de controle sobre a vida. Praga antropocêntrica.

2.3. Coreonarrativas de um terreno: A dança dos sacos vermelhos⁹

Paisagens são tanto imaginárias quanto materiais; (...) são reuniões de modos de ser em formação.

Anna Tsing (2019)

⁸ O software Krita foi utilizado para a manipulação digital, sendo gratuito, aberto e de código livre.

⁹ Narrativa criada em abril de 2021 por Keyme Gomes Lourenço.

O bom é a vida emergente, ascendente, a que sabe se transformar, se metamorfosear de acordo com as forças que encontra, e que compõe com elas uma potência sempre maior, aumentando sempre a potência de viver, abrindo sempre novas “possibilidades”. Não há verdade, só há devir, o devir é a potência do falso da vida, a vontade de potência.

Gilles Deleuze (2007)

244 ■ O curta-metragem “A dança dos Sacos Vermelhos” (2021), exibido na sessão *BORDAS* do Festival Permanente do Minuto, conta em imagem-tempo, em cinema, a história de uma paisagem citadina em camadas, onde uma dança se faz entre intensidades, e o palco é uma horta-ocupação em um terreno cercado de prédios. E, com ele, compomos a terceira narrativa. As composições de imagens, elaboração do lambe-lambe e a criação do curta-metragem, foram inspiradas nas leituras realizadas na disciplina, principalmente Tsing (2019), que acionaram, junto os estudos sobre cinema de Deleuze (2007), um outro modo de ver as ruínas, os filmes, o ‘fazer’ um filme, as ocupações urbanas humanas e não humanas e principalmente, as camadas. Várias delas, as que se reúnem numa imagem, no pensamento, no ato criativo, na cartografia, na pesquisa, no experimento.

A partir dessas movimentações que surgiram do encontro com as leituras, do que podemos ensaiar em conexão com elas, praticamos de forma experimental as técnicas da fotografia, da edição de imagens, do lambe-lambe e do audiovisual. Nessa experimentação, tivemos a intenção de fazer uma imersão nas camadas das criações, e com as com as provocações das leituras tecer poesias e aproximações entre arte, filosofia, cinema, e cartografar as linhas das diferentes narrativas que se permeiam, atravessam e pulam de uma camada para a outra.

Pela manhã, quando há raios de sol atravessando as fendas da veneziana, abrimos a janela e esperamos ver a paisagem, qualquer uma, mas sempre uma paisagem. Há esperança de ver na janela mesma¹⁰, um mundo outro que até então não se conhecia, além de onde o olho alcança o horizonte. Há verde pingado em cinza asfalto, gato plantado em muro, canto de pássaro escondido, cores de pássaros calados, há árvores cascudas carregadas e frutos macios. Quais outras paisagens a paisagem da janela abriga?

Pela janela um observar se faz em isolamento, e a casa se torna o mundo, casa-mundo, e a janela o quintal do mundo. E o que há no quintal? Uma horta em que humanos lutam com sacos vermelhos para afugentar pardais. Milhos não crescem com pardais. Na paisagem em que dançam os sacos vermelhos o pardal é daninho, e com outros pardaizinhos, ou até mesmo sozinho, ele come todo o milho. A única maneira de proteger o terreiro, diz o humano-hortelão, é fazer os sacos-espantalhos vermelhos dançarem. Por serem “daninhos (...) eles nos ajudam a fazer o Antropoceno” (TSING, 2019, p. 120), mas o pardal é inteligente-exigente, e caso ele perceba que os sacos vermelhos não estão dançando... os ataques aos milhos retornam.



Figura 8. Camadas do filme “A dança dos sacos vermelhos” (2021). Frames do filme manipulados em Photoshop. Festival do Minuto.

Uma paisagem de horta com milho no meio da cidade só existe com a dança dos sacos vermelhos, que só existe pela exigência do pardal. Essas tensões entre o pardal, o horteiro e os sacos-vermelhos contam-nos histórias, e pela criação em cinema e em imagem tempo nascem cinepaisagens nas conjunturas de muitas trajetórias, humanas e não humanas. O cinema que narra com a vida, paisagens, é virtual, potência.

No tempo em que vivemos, as paisagens se dão em ruínas por atores humanos e não-humanos. A dança dos sacos vermelhos é agora, pelo devir, parte da “*assemblage*”, com o milho, com a terra, com o pardal, com o vento, com o muro, com o sol. As *assemblages* das paisagens do curta “*A dança dos sacos vermelhos*” (2021), surgem da justaposição, da transição, do que é tensionado nos variados modos de fazer mundos. O milho que não sobrevive sem a dança, o pardal que não come em coreografia, um acordo refeito todo dia, “*assemblages* são formadas em negociações entre espécies” (TSING, 2019, p. 230).

As camadas de paisagens que são eternizadas em imagens do cinema, desterritorializam a narrativa para o cartógrafo, e ganham outro valor: “a narrativa não se refere mais a um ideal de verdade a construir sua veracidade, mas torna-se uma ‘pseudo-narrativa’, um poema, uma narrativa que simula, ou antes, uma simulação da narrativa” (DELEUZE, 2007, p. 181).

Assim como o lambe-lambe fissa paredes-camadas no filme “*A dança dos sacos vermelhos*” (2021), podemos criar fissuras nas camadas das paisagens, rarefazer às imagens de paisagens, com a força que o lambe-lambe faz na parede: janela. Toda a rua poderá ver o que da janela de cima do prédio se vê. Um pardal, o chapéu do horteiro e um saco vermelho, que dançam e fazem em ruínas, paisagens.

Provocados pelas leituras de Tsing (2019), investigamos as camadas das paisagens do Antropoceno, à espreita de (re)aprender com elas outras maneiras de ocupar as ruínas, de recuperar o múltiplo nas paisagens ferais e de habitar lugares des-habitados. Ora destroços e regeneração, ora extinção e sobrevivência, ora poluição e adaptação, ora demolição e reconstrução, todos a todo momento sendo colocados lado a lado.

Há um 'entre' a se encontrar nas imagens do cinema, que Deleuze nos coloca a pensar no livro "Imagem-Tempo" (2007), uma força afectiva que se faz entre imagens, entre *takes*, entre camadas, entre planos de imagens em busca de encontros. Percebemos também um 'entre' presente nas paisagens em ruínas, conceito elaborado por Tsing (2019), e, a partir desse 'entre' encontros, desvendam-se mundos e, com eles, narrativas. Essas narrativas eternizam paisagens que surgem entre ações, entre *afecções*, entre percepções, entre imagens visuais, entre imagens sonoras, entre o sonoro e o visual.

Uma cartografia das paisagens em imagens de cinema pode animar paisagens e registrar pelos mapas criados pelo caminhar do cartógrafo, e pelo cartografar, tanto os encontros quanto as relações que partem deles. É possível atravessar escalas, emaranhar trajetórias, misturar os elementos e projetos de paisagem, fazendo eles dançarem. É assim que surge a *dança dos sacos vermelhos*, tanto no filme, quanto neste trabalho.

Nesse cenário, uma cartografia das imagens, como Deleuze (2007, p. 217) nos movimenta a pensar com seus estudos do cinema, "faz-se ver o indiscernível, ou seja, as fronteiras". E, ao ultrapassarmos todas as camadas visuais, podemos arquitetar nas ruínas formas de sobreviver ao fim do mundo.

■ 246



Figura 9. O quintal-cenário. Acervo da autora Keyme Gomes Lourenço.

2.4. Experimentos no/do Antropoceno¹¹

*O estado de mundo que vivemos hoje é exatamente o mesmo
que os nossos antepassados recentes encomendaram para
nós.*

Ailton Krenak (2019)

Processos em acontecimentos, camadas de papel sobre papel, a criatividade delira, imagens compostas em movimento. Essa é a quarta narrativa e com ela foi possível dar passagem para afetos e o fazer-se da colagem, camadas de

¹¹ Narrativa criada em abril de 2021 por Roberta Paixão Lelis da Silva.

possibilidades e vida. Tal narrativa visual se deu em contexto de isolamento social, em plena pandemia de covid-19, movimentada pela disciplina, e pelo encontro com leituras como a de Anna Tsing e de Ailton Krenak. Optei pela colagem na busca de novas possibilidades de criar e compor, fugindo das convenções e encontrando novos espaços acadêmicos, forjando refúgios.

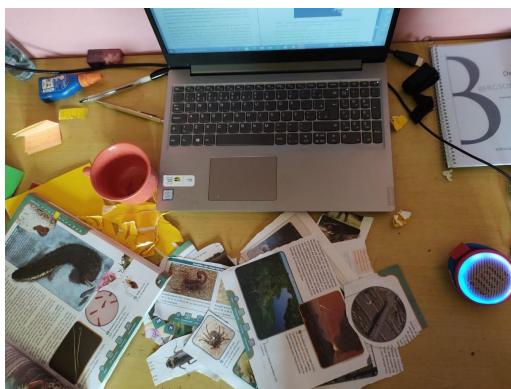


Figura 10. Registro e arquivo de Roberta Paixão Lelis da Silva.

247 ■

O espaço de criação e os materiais, dispostos (Figura 10). Recortes pulsantes, feitos a partir de livros didáticos de biologia, espalhados, esperando o momento de compor a paisagem-colagem. Além dos recortes, outros elementos que habitam e se fazem compor: a xícara do café recém tomado, o *notebook* com o texto recém lido ainda aberto, a caixa de som emitindo luzes, vozes e melodias que acompanham a produção. As Figuras 11, 12, 13, 14 e 15 movimentaram a escrita dos próximos cinco parágrafos. Optei por mesclar as imagens com o texto devido a contaminação, entrelaçando-os.



Figura 11. Registro e arquivo de Roberta Paixão Lelis da Silva.

Recortes de livros didáticos que estavam à mão passam a compor o fundo verde, criando volume a partir de multiplicidades. As revistas, não tive a possibilidade de encontrá-las. Seriam revistas algo do passado? Quanto tempo há de demorar para os livros didáticos também se tornarem rarefeitos na realidade de um corpo-professor/aluno? Ao se esgotarem os livros didáticos e as revistas, o que me restará para construir minhas colagens? Apenas folhetos com anúncios e propagandas, distribuídos aos montes nos semáforos, todos os papéis relacionados a mercadorias.



Figura 12. Registro e arquivo de Roberta Paixão Lelis da Silva.

Através da colagem abro espaço para outras possibilidades de existência, incitando o contágio por seres não humanos. A antropóloga Anna Tsing nos alerta: “é hora de recuperar a história e permitir a entrada de não humanos” (2019, p. 17). Krenak também nos movimenta: “os humanos não são os únicos seres interessantes e que têm uma perspectiva sobre a existência. Muitos outros também têm” (2019, p. 22). Como dar vazão e espaço a essas existências outras e permitir que suas perspectivas sejam partilhadas?

■ 248



Figura 13. Registro e arquivo de Roberta Paixão Lelis da Silva.

Sobre o Antropoceno, Tsing diz que “a vida feroz tira proveito da perturbação humana para fazer suas próprias coisas” (2019, p. 16), o caos ocasionado pelas populações humanas ocidentais, proporcionaram grandes conflitos com outros habitantes da Terra. “Abandonados por traficantes, papagaios nordestinos ocupam Sul” (CANCIAN, 2012). Animais são cotidianamente deslocados de seus habitats naturais, transformados em mercadorias, passando a compor paisagens outras, causando possíveis desequilíbrios. Vemos a vida feroz novamente tirando proveito da perturbação humana. Mas os demais animais não são os únicos abandonados, pois, abandonamos também a nossa própria espécie, superpondo culturas em detrimento de outras, priorizando o capital, tornando as vidas descartáveis.



Figura 14. Registro e arquivo de Roberta Paixão Lelis da Silva.

Em meio ao caos do Antropoceno, seres humanos e não-humanos encontram maneiras de (re)existir, buscando refúgios, a erva daninha que trepa no

muro das casas em buscas de apoios, “vivemos em um mundo de pragas” (TSING, 2019, p. 241). Refletindo sobre, questiono: quais as reais pragas do Antropoceno?



Figura 15. Registro e arquivo de Roberta Paixão Lelis da Silva.

Ailton Krenak (2019) nos convida insistentemente a refletir sobre nossa existência e o impacto que causamos neste “organismo vivo que é a Terra” (p. 32), percebida por algumas culturas não apenas como provedora, “mas também na dimensão transcendente” (p. 32), responsável por dar sentido a existências desses povos.



249 ■

Figura 16. Registro e arquivo de Roberta Paixão Lelis da Silva.

Faço dessa colagem (Figura 16) um convite para pensarmos acerca da nossa estadia na Terra, nosso modelo de existência e o modelo social vigente. Sendo a arte um refúgio e uma potência política, na esperança de “que estes encontros criativos que ainda estamos tendo a oportunidade de manter animem a nossa prática, a nossa ação, e nos dêem coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida” (KRENAK, 2019, p. 35). Só assim, seremos capazes de criar novas narrativas e possibilidades diante desse mundo em ruínas.

2.5. Bordando camadas, criando paisagens¹²

As ruínas serão nossos jardins.

Anna Tsing (2014)

Instigada e incomodada pelas leituras dos encontros-aula, percorri as fotografias dos dias de campo enquanto pesquisadora do Laboratório de Ecologia e Comportamento de Abelhas (LECA/UFU) da Universidade Federal de Uberlândia, onde realizávamos pesquisas em plantações de tomate relacionadas ao comportamento de abelhas. Saímos pela manhã em direção às plantações de tomate para observar a interação abelha-tomate. Dias de sol, milhares de tomateiros, horas no sol, dados coletados, roupas de campo, tomates verdes-amarelos-vermelhos, flores, agrotóxicos, tomates contaminados... milhares de memórias são remexidas. Com Anna Tsing penso nas camadas-histórias e como elas compõem a paisagem: “toda essa história são camadas na paisagem, entrando e saindo destes lugares, é possível verificar uma nova vida emergente” (2019, p. 35). Assim, essa narrativa, quinta e última, nasce em meio aos tomateiros, fontes de vida e de morte, ruínas em um eterno renascer. Teci camadas provocadas pelas leituras de Anna Tsing (2019), pelas ruínas das monoculturas infestadas de agrotóxicos que matam diversas vidas mas permitem que outras surjam. Vidas que encontram nas frestas formas de re-existir e fazer refúgio, nos ensinando a seguir nas ruínas.

Diante das fotografias, me deparo com uma que me chama a atenção: o início do fim de uma vida (Figura 17). Me lembro que em determinada época do cultivo, alguns tomates começaram a apresentar manchas marrons. Tomates contaminados por toda a parte por um vírus-fungo-bactéria. Ali a vida se transforma, o tomate perde a vida-tomate e ganha a vida-zumbi por perder a sua natureza, forma, cor e sabor de tomate. Apodrecendo e ficando líquido por dentro, amparada por uma película, a vida-tomate se esvai. Um novo ciclo começa com o tomate-vírus-fungo-bactéria.



Figura 17. Tomate contaminado por um vírus-fungo-bactéria. Registro e arquivo de Nicole Cristina Machado Borges.

¹² Narrativa criada por Nicole Cristina Machado Borges em abril de 2021.

A paisagem para Tsing (2019, p. 17) é um ponto de encontro entre os atos humanos e não humanos, e assim deixo minhas ideias fluírem para (re)compor essa fotografia. Munida da arte dos afetos e do bordado, penso nos cogumelos de Tsing e nas possibilidades que eles me dão. De ponto em ponto, indo e vindo, vejo surgir um cogumelo acompanhado de seus esporos que voam em busca das árvores companheiras. Um cogumelo criado por mãos humanas. Devir-fungo em um tomate-vírus-fungo-bactéria, contaminado e contaminando. A imagem que antes mostrava uma paisagem agora é transformada, cores, formas, furos, linhas... tudo compondo uma nova paisagem (Figura 18) .



251 ■

Figura 18. Cogumelo bordado no tomate-vírus-fungo-bactéria. Registro e arquivo de Nicole Cristina Machado Borges.

Ziguezagueando entre os furos com minha agulha, deslizando no “entre” (DELEUZE; PARNET, 1998), um voo entre o real e o irreal, entre o possível e o impossível. O avesso. Giro a foto e abro outra camada, o verso da foto mostra uma nova possibilidade, um novo ziguezaguear que, apesar de semelhante à frente, é diferente, mostra a história e o voar da agulha contando histórias e compondo essa nova dimensão (Figura 19). Olho o verso, ainda vejo o cogumelo, mas os esporos se transformaram em estrelas, constelações, uma teia, um caminho a se seguir com começo, mas talvez sem fim.



Figura 19. O avesso de possibilidades. Registro e arquivo de Nicole Cristina Machado Borges.

O verso-história foge à rigidez da perfeição, são fios de uma vida que se entremeiam e se abrem a novas possibilidades e aventuras. Em meio às ruínas que o tomate se mostra ser, ele também é vida. Uma vida feral, imprevisível, que busca nas frestas formas de permanecer no mundo se renovando e se modificando.

Sobreponho o processo, abro uma última (?) camada. Vejo um rosto, o tomate-vírus-báctéria-fungo-bordado-zumbi... (Figura 20) ganha um rosto zumbi que busca novas formas de sobreviver em meio às ruínas que a plantação de tomate pode vir a ser.



■ 252

Figura 20. Tomate-vírus-báctéria-fungo-bordado. Registro e arquivo de Nicole Cristina Machado Borges.

As camadas em movimento, saímos do plano e vamos para novos espaços. Planos e planos e mais planos que vão compondo, alinhavando camadas múltiplas (Figura 21). As discussões modificam nossa relação com as paisagens mais que humanas, extra-humanas, não-humanas. Essa narrativa é composta de histórias, possibilidades, ziguezagueares, refúgios e novos olhares que tentam sobreviver ao Antropoceno, ao fim do mundo, às ruínas do tomate.



Figura 21. Processo de criação que perpassa todos os planos. Registro e arquivo de Nicole Cristina Machado Borges.

3. Sonhar rizomando narrativas outras

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho.
Ailton Krenak (2019)

Pelas produções das narrativas, forjamos aberturas de janelas para que fosse possível abrir caminhos para a entrada de ar, permitindo-nos respirar. “Em meio a turbilhões de incertezas vindas do ar, das gotículas, das pessoas, das bocas, das mãos, das ruas, da televisão, das redes sociais, do rádio e do jornal, precisamos pausar e abrir as janelas: respirar!” (SALES et al, 2020, p. 383). Janelas, aulas, encontros, frestas, rachaduras entre ruínas. Saídas, linhas de fuga.

Ao forjar essas aberturas de janelas e nos lançarmos ao desconhecido, pudemos sonhar através das narrativas. Sonhamos rizomando narrativas em situações impensadas, criadas no movimento provocativo dos autores e autoras, e dos encontros-aula. Esses encontros entre autores(as), entre aulas e entre nós, nos permitiram sonhar narrativas possíveis de um mundo em ruínas na medida em que instauramos mundos outros. E também experimentar o que esse movimento formativo pode nos dizer sobre educação, sobre práticas educativas, didáticas, pedagógicas, experimentações, atravessamentos, seres e coisas, humanos e não humanos.

Pensar em uma educação a partir de nossas produções é ver um aprendizado que acontece pelos encontros, nos encontros, no entre: educação-afetiva, pelo que nos atravessa e gera, em nós, uma multiplicidade de forças, em movimentos de vida, em produção de refúgios. Nossas visões de educação se conectam com as escritas da educadora, artista e pesquisadora Susana Dias (2020b), ao pensar nos seus encontros com artistas, entre seres humanos e não humanos, e em suas potências educativas e comunicativas. Nas palavras da autora:

Estes artistas, e os seres estéticos que eles ajudam a trazer ao mundo, têm nos ensinado a ganhar intimidade com uma matéria viva, a entrar em comunicação com uma matéria ativa, a tornar ventos, rios, mares, nuvens, animais, pedras, árvores, pessoas, imagens, sons, palavras, papéis em interessantes e potentes parceiros de pensamento e criação, cultivando possibilidades de que, quem sabe, eles também possam entrar em comunicação conosco (DIAS, 2020b, p. 19).

Encontros. Ruínas. Resistências. Refúgios. Re-existências. Criações que se fizeram pelos encontros em meio a um mundo que se desfazia, nas ruínas do Antropoceno. Encontros-pandêmicos em cartas e fotografias, encontros-plantas-fungos em composições, encontros-aves-sacos em criações, encontros-pragas em colagens, encontros-tomates-fungos em bordados. Encontros... Percebemos aqui educação como um não-lugar, não-consenso, não-verdade, sendo, em suma, um território de encontros e devires em suas diferenças, de multiplicidades, de vida. Em camadas, paisagens.

Nas nossas narrativas, nos comunicamos com humanos e não humanos, tecendo laços, compondo matilhas, fazendo redes. A disciplina da pós-graduação, em suas aulas e provocações, proporcionou a instauração de refúgios, em processos criativos e artísticos que nos movimentaram ao encontro das multiplicidades que habitam os territórios aqui percorridos.

Atravessados por autores e autoras como Anna Tsing, Donna Haraway, Ailton Krenak, Gilles Deleuze, Susana Dias, Pereira e colaboradores, nos chama a atenção os efeitos colaterais inesperados, os acontecimentos em ruínas, os sonhos e possibilidades de sonhar, a feralidade naquilo que escapa aos desígnios humanos. Fungo e planta; pardal e sacos vermelhos; vírus e pessoas; o imaterial, o vivo e o não vivo, unidos em disputa. Sob o pretexto do salvamento e do avanço, em um tempo-espaço sem brechas para o luto(ar) de suas próprias ruínas, o Antropoceno vem se mantendo nas pequenas perdas irreversíveis que colocam a sociedade à deriva, na contramão.

Marcados por ecologias decrépitas, ecologias contaminadas, transformadas em ruínas, paisagens criadas, refúgios em construção no isolamento, foi possível recompor sonhos decompostos, viver os descontínuos da negociação para a sobrevivência coletiva de pragas, que se sobrepõe em possibilidades vorazes, próprias, cultivadas.

Inspirados na música de Chico César, seguimos cantando:

Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber
Perigo é se encontrar perdido,
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver
Bom mesmo é ter sexto sentido
Sair distraído, espalhar bem-querer
(CÉSAR, 2008).

Seguir cantando, como “uma criança no escuro, tomada de medo”, nos tranquilizando cantarolando, como dizem Deleuze e Guattari (2012, p. 122). “Pode acontecer que a criança salte ao mesmo tempo que canta (...) mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela arrisca também deslocar-se a cada instante” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 122). Sempre em devir, seguimos em nossos trajetos aprendendo com o caminho e com nossos encontros. Descobrir o caminho andando, ora nos perdendo, ora nos encontrando. Cantar como salto do caos em direção a algo por vir. Um mundo por vir.

Referências:

- ABREU, Caio Fernando. **Pequenas Epifanias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014.
- A DANÇA dos sacos vermelhos. Direção de Keyme Gomes Lourenço. Uberlândia: Festival do Minuto, 2021. (1 min).
- CANCIAN, Natália. Abandonados por traficantes, papagaios nordestinos ocupam Sul. Folha de São Paulo, São Paulo. Acesso em: 02/05/2021.
- CÉSAR, Chico. Deus Me Proteja: Deck: 2008. (4:54 min). Acesso em: 14/05/2021
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo: cinema 2**. Brasiliense, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. IV. São Paulo: Ed. 34. 2012.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom – Florestas** [Online], Campinas, ano 7, n. 17, Jun. 2020b. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>. Acesso em: 04/08/2021
- DIAS, Susana. **Quando a comunicação é tomada por um entusiasmo vegetal**. Campinas-SP: Ciclo de conversas entre Arte e Educação Carta-Imagem- Práticas educativas movimentadas pela arte. 1 vídeo (161 minutos) [Webinar.]. 2020a. Acesso em: 24/04/2021.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.
- GALLO, Sívio. Pensar a escola com Foucault: além da sombra da vigilância. In: CARVALHO, Alexandre Filordi de; GALLO, Sívio. (Org.). **Repensar a educação: 40 anos após Vigiar e Punir**. São Paulo: Livraria da Física, 2015, p. 427-449.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade**, Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 05/10/2021.
- PEREIRA, Ana Paula Valle; MARTINS, Daniel Ganzarolli; PEREIRA, Lais de Paula; SAMPAIO, Shaula Máira

Vicentini de. Ficções no Antropoceno: sonhos (de)compostos em cartas do fim do mundo. **ClimaCom – Povos Ouvir – A coragem da vergonha**, Campinas, ano 6, n. 16, dez. 2019. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ana-paula-valle-pereira-daniel-ganzarolli-martins-lais-de-paula-pereira-shaula-maira-vicentini-de-sampaio-ficcoes-no-antropoceno-sonhos-decompostos-em-cartas-do-fim-do-mundo>. Acesso em: 27/07/2021.

SALES, Tiago Amaral; VAZ, Tamiris; GARLET, Francieli Regina; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli; LOURENÇO, Keyme Gomes; BORGES, Nicole Cristina Machado. Tricotando janelas: encontros e desencontros à espreita de um pesquisador. **ALEGRAR**, Campinas, v. 26, ago./dez., p. 375-392, 2020. Disponível em: <https://alegrar.com.br/dossie-26-44/>. Acesso em: 20/12/2020.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna. Blasted landscapes (and the gentle arts of mushroom picking). In: Kirksey, E (ed.). *The multispecies salon*. Duke University Press, p. 87-109, 2014.

■ 256

Recebido em 14/05/2021 - Aprovado em 21/09/2021

Como citar:

SALES, T. A. et. al. Narrativas de um mundo em ruínas: conexões entre ciências, artes, filosofias e educação. *ouvirOUver*, v.17, n.2. p. 232-256. jul./dez. 2021. <https://doi.org/10.14393/OUV-v17n2a2021-61079>



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.